

PARDAL, O PÁSSARO COSMOPOLITA

José Luis de Castro Silva

Qualquer um de nós já viu um pardal.

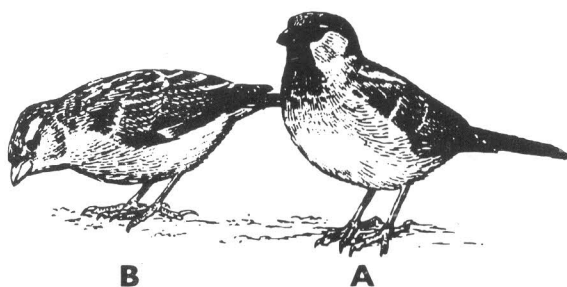
Esse fringílideo cujo nome científico é *PASSER DOMESTICUS* (LINNEO), habita hoje todos os cantos do Brasil onde o homem esteja presente, à exceção das florestas.

É um pássaro que vive associado ao homem e que se expandiu pelo mundo por conta própria ou levado pelo próprio homem. Vive tanto em lugares muito frios como nos demasiado quentes.

A figura anexa de um dos artigos de Marcel Ruelle publicado no *Journal des Oiseaux* nos dá uma idéia de como se encontram no mundo. O mapa é de autoria de Long e data de 1981.

Além do pardal que conhecemos aqui no Brasil, existem outros pássaros afins, bastante semelhantes a

Pardal, Passer d. domesticus, macho (A) e fêmea (B)



Mapa de distribuição e de introdução do pardal doméstico

(em preto: distribuição normal da espécie; hachuriado: zonas de introdução; ↑ introdução com sucesso; ↓ introdução sem sucesso)



ele em diversas partes do mundo, mas este artigo somente tratará do nosso velho conhecido que é o único de sua família que existe na América do Sul.

Sua descrição é desnecessária, pois todos podem identificá-lo sem dificuldade, podendo alguns menos atentos confundir as fêmeas com o nosso outrora popular Tico-tico.

Há um dimorfismo sexual acentuado entre os machos adultos e as fêmeas. Os filhotes, como em todos os pássaros onde há dimorfismo, se assemelham às fêmeas até a primeira grande muda, quando os machos começam a adquirir a plumagem que os caracteriza.

Apesar de serem, teoricamente granívoros, comem de tudo, principalmente quando estão em época de criação.

São extremamente prolíferos, excelentes criadores, mas também barulhentos e brigões. Brigam entre si, com outros pássaros, mas aqui no Brasil, convivem de maneira razoável com as nossas rolinhas caldo de feijão.

Seus ninhos que são feitos nos lugares os mais diversos, são um tanto mal arrumados externamente com gravetos e palhas, sem uma forma perfeitamente definida, mas a parte interna é forrada com penas e outros materiais macios como algodão, paina, pedaços de tecido e tudo o mais que satisfaça a finalidade de forrar a cavidade onde serão colocados os ovos.

Já encontramos ninhos de pardais em telhados de casas, em galpões de oficinas e garagens, em buracos nas paredes de muros e até em árvores.

Todos os que colocamos a mão, tinham uma característica comum, esta-

vam infestadas de piolhos mas os filhotes, se ali estavam, eram gordos e estavam com os papos bem nutridos.

Em Santa Maria, no final da década de 70 colocamos quatro ovos de canários em um ninho de pardal. Nasceram três filhotes que esperávamos recolher. Aos dez dias estavam empenados mas aos quatorze ou quinze, quando fui vê-los, já haviam saído do ninho e os perdi.

Sendo um pássaro comum e de difícil domesticação sempre despertou muito pouco interesse para nós, criadores, que sempre o olhamos como praga.

Como todas as aves prestam serviços inestimáveis em algumas ocasiões, destruindo insetos e em outras tornam-se nocivos destruindo o que o homem cultiva.

Há porém, um aspecto que julgamos interessante citar: a fama que se lhes atribui de terem expulsados nossos pássaros indígenas. Entendemos neste caso que cabe ao homem a maior responsabilidade pelo fato, pois destruimos o "habitat" de nossos indígenas, enxotando-os para outras regiões onde não havia homens e consequentemente pardais.

A caça indiscriminada aos pássaros indígenas diminuiu suas populações deixando-os também em desvantagem no aspecto "quantidade".

Dois fatos por nós observados parecem favorecer tal suposição:

1º - Na cidade de Rosário no Rio Grande do Sul nos anos de 76 a 78, constatamos a presença efetiva de pardais, entretanto no Regimento de Carros de Combate que lá existe, os pardais não se faziam presentes. No quartel criava-se



